

# Política

CRISE

O Planalto quer mostrar desinteresse em debater a duração do mandato presidencial. Mas esse foi o tema principal da reunião de 15 ministros, que identificaram um "clima de conspiração" para impedir que Sarney fique cinco anos no governo. E o tom do encontro foi dado pelo ministro Mailson da Nóbrega:

## "Eleições? Uma insanidade."

Reunidos ontem no Ministério da Justiça, 15 ministros de Estado concluíram existir um "clima de conspiração" para impedir que o presidente José Sarney cumpra o mandato de cinco anos, e decidiram lançar uma ofensiva final para evitar que a Assembleia Nacional Constituinte cometa a "insanidade" — na expressão do ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda — de convocar eleições presidenciais este ano.

A expressão do ministro da Fazenda foi usada quando o ministro da Justiça, Paulo Brossard, indagou sobre as conseqüências, para o País, de uma eleição agora. "O sr. ministro chegou recentemente de uma viagem durante a qual manteve contatos diretos com os nossos credores, o que eles pensarão de nós se houver eleições?", perguntou Brossard. A resposta foi fulminante, de acordo com alguns participantes da reunião. Mailson da Nóbrega classificou de "insanidade, loucura" realizar eleições "quando o governo, para conter a inflação e o déficit público, terá de adotar medidas impopulares. A que alturas irá a inflação com a campanha eleitoral?", perguntou. E prosseguiu: "Há três anos que não entra um dólar no Brasil. Precisamos criar, a cada ano, dois milhões de novos empregos, o que não é possível sem poupança interna nem externa. A situação econômica não aconselha a realização do pleito".

Empolgado, o ministro da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, Prisco Viana, chegou a propor que o presidente Sarney elabore um plano de salvação nacional e o submeta à consideração dos presidentes de todos os partidos políticos, propondo a conciliação das forças políticas para superar a crise econômico-financeira. Para o ministro Brossard, o quadro traçado por Mailson da Nóbrega foi suficiente para unir os ministros e deflagrar uma estratégia comum de defesa do mandato de Sarney.

### Sarney satisfeito

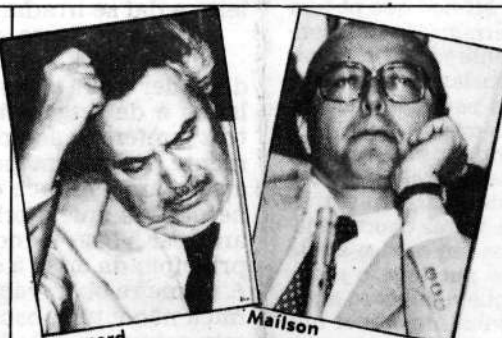
Minutos depois da reunião, Brossard se reuniu com o presidente Sarney no Palácio da Alvorada e, em seguida, no Palácio do Planalto. Mas se limitaria a dizer que

Sarney apenas ficara "satisfeito" com o resultado da reunião. O mesmo diria o ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Jäder Barbalho, logo após ser recebido pelo presidente. Com uma diferença: a partir de agora, de acordo com Barbalho, o presidente Sarney não precisa mais sentir-se acuado.

Durante a reunião, disse ele, todos concordaram em que o governo do presidente Sarney vem sendo "injustamente bombardeado" por setores que, embora sejam minorias, dominam o noticiário da imprensa e esperam precipitar as eleições. Barbalho não quis identificar os "setores", afirmando que no Congresso conspira-se através do "jogo do abafa", no qual os verdadeiros interesses são geralmente escamoteados. Sobre a participação do presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, o ministro disse valer, para o PMDB, a palavra empenhada há muito tempo em defesa do mandato de cinco anos para Sarney.

Paulo Brossard destacou, ainda, que o governo precisa de uma base parlamentar mais eficaz no Congresso, onde possa expor o que vem fazendo de positivo, porque o governo "não pode ficar calado ou mudo" e se não conseguir espaço na Constituinte terá que falar em outro lugar. De acordo com Brossard o governo está preocupado com a ausência de espaço na Constituinte para colocar suas ações, e esse quadro precisa ser modificado. O problema, informou, é que o líder do governo, Carlos Sant'Anna, não vai à tribuna por dificuldade regimental. Não usando tal espaço, há sério prejuízo de comunicação, mas os ministros vão lutar para que haja uma maior abertura nesse sentido, além de confiar no senso de responsabilidade dos parlamentares. Quando os jornalistas perguntaram a Brossard se o governo está disposto a trabalhar para mudar o regimento da Constituinte para conseguir seu objetivo, ele respondeu evasivamente: "será necessário?"

Na reunião, os ministros trataram, também, do cumprimento à lei. Brossard lembrou que o não cumprimento a lei é uma



Brossard

Mailson



### Otimismo

Para fazer frente às críticas ao governo, alguns ministros pintaram um quadro bas-

tante otimista do País. Na gestão de Miguel Arraes, por exemplo, disseram, Pernambuco está exportando algodão, uma cultura que despencara, há muitos anos, devido à falta de incentivos para enfrentar a concorrência internacional; no Sul, os fabricantes de calçados reagiram à crise e não existe mais o fantasma das retaliações norte-americanas nesse setor; a agricultura se preparava para colher este ano novas safras recordes; e, por fim, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) forneceu recentemente ao próprio Sarney números positivos do índice de emprego e do desempenho de vários setores industriais.

Com esse quadro à mão, os ministros concluíram que é preciso reagir e mostrar à opinião pública que, apesar da crise em curso, as perspectivas são melhores do que no passado, mas para transformá-las em realidade o País necessita de um clima de tranquilidade política, sem eleições.

A conclusão foi partilhada por todos os presentes: Paulo Brossard, da Justiça; Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia; Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações; Mailson da Nóbrega, da Fazenda; Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil; Prisco Viana, da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente; José Hugo Castelo Branco, da Indústria e Comércio; Celso Furtado, da Cultura; Vicente Fialho, da Irrigação; Jäder Barbalho, da Reforma Agrária; Almir Pazianotto, do Trabalho; José Reinaldo Tavares, dos Transportes; João Baptista Abreu, do Planejamento; Aluizio Alves, da Administração; e o único militar presente, almirante Henrique Sabóia, da Marinha. De acordo com Brossard, todos os 27 ministros foram convocados. Muitos não compareceram por compromissos em outras áreas ou viagens. Aureliano Chaves, das Minas e Energia, mandou dizer que tinha um "compromisso", mas depois conversaria a sós com Brossard.

### O governo despista

A reunião ministerial foi articulada no

início da semana no Palácio do Planalto, mais precisamente no gabinete do ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto. Anteontem à noite, o ministro Paulo Brossard recebeu o "sinal verde", num telefonema de Costa Couto, para convocar os ministros. Em sua sala estava o chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes.

Oficialmente, porém, o Palácio do Planalto fez questão de ficar fora das articulações, deixando correr tudo por conta do ministro-anfitrião, Paulo Brossard. Até a noite de ontem, por exemplo, não se ouviu nem uma palavra oficial do governo sobre a reunião, apesar de os ministros Antônio Carlos Magalhães, Prisco Viana, e do próprio Brossard terem conversado demoradamente com Sarney para detalhar todos os pontos a serem discutidos pelos 15 ministros.

A estratégia palaciana é não deixar transparecer que o presidente Sarney está pessoalmente de novo empenhado no mandato de cinco anos. No entanto, alguns políticos consideraram natural que o presidente estimule esse tipo de reunião. Um dos líderes do Centrão, deputado Expedito Machado (PMDB-CE), acha que Sarney deve assumir o comando político, que é próprio do sistema presidencialista, "e isso não está acontecendo", disse.

No Congresso, a reunião foi recebida com cautela. Mesmo os defensores dos cinco anos para Sarney frisaram que só um "fato novo", de grande profundidade, pode reverter a tendência pelos quatros anos na Constituinte. Já o líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, cobrou do deputado Ulysses Guimarães uma resposta ao seu pedido de maior espaço para os aliados do próprio governo defenderem-no. Comentando a conclusão dos ministros de que falta espaço para o governo no Congresso, Sant'Anna disse que "se houvesse esse espaço e essa oportunidade os debates se travariam dentro da Constituinte e não fora dela".

## Constituinte: "Um centro de ataques levianos".

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães (foto), afirmou ontem que, em vez de se dedicar a temas constituintes, a Assembleia Nacional Constituinte transformou-se num centro de ataques levianos ao presidente Sarney: "Quem acusa sem provas é leviano". Nesse clima de atitudes extremadas, segundo o ministro, qualquer entendimento real é difícil, porque "ninguém vai abdicar de suas posições". Isso só seria possível, diz Magalhães, se o deputado Ulysses Guimarães desse o primeiro passo, da mesma forma como



Apesar das críticas, o ministro garantiu que não há interesse do governo em um confronto com a Constituinte: "Acontece que, infelizmente, a Constituinte tornou-se um centro de ataques ao presidente". Para o ministro, nem a proposta de armistício feita por Ulysses foi suficiente para apaziguar os ânimos: "Todo apaziguamento é bem-vindo, desde que seja real, manifestado através de fatos e atos", esclareceu lembrando que todo mundo pode opinar sobre a